

Visão geral: Três globalizações

Este capítulo se concentra em analisar como nós, seres humanos, temos construído significado em três momentos históricos. Começaremos com o que chamamos de “primeiras línguas”, aquelas utilizadas antes da escrita tal como a conhecemos, e, então, discutiremos algumas consequências do desenvolvimento da escrita, que começou há cerca de cinco milênios, e como uma “cultura de escrita” se intensificou com a invenção e o uso em massa da imprensa (prensa móvel), a partir do século XV, e continua na era moderna, conforme mais e mais povos do mundo vêm aprendendo a ler e escrever. Finalmente, consideraremos aspectos de novas e diversas culturas de construção de significados que surgiram no final do século XX e início do século XXI, apoiadas inicialmente por tecnologias fotográficas e, mais recentemente, por tecnologias digitais de produção e distribuição de significados.

Há bastante tempo, filósofos e cientistas da linguagem têm dito que a escrita não é mera transcrição ou reprodução do pensamento, tampouco um registro direto ou cópia da fala. A escrita é uma “tecnologia” ou “artefato”, desenvolvida para modos específicos de pensar e de estar no mundo, que permeia diferentes culturas, de diferentes maneiras. Isso tem grande relevância para o processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita na contemporaneidade.



Veja: “Introdução – ‘Essa maravilhosa invenção’”.

Nossa narrativa neste capítulo tem como foco uma breve e esquemática história dos sistemas humanos de significação. Para tanto, tomaremos como medida histórica uma escala de tempo de 100 mil anos, que é aproximadamente o período que marca o início da existência da espécie humana. Olharemos para os primeiros 95 mil anos, em seguida, de forma particular, para os últimos 5 mil anos, que marcam o surgimento da escrita, e, por fim, para os 50 anos mais recentes, começando do terceiro quarto do século XX, que trouxe mudanças radicais para a comunicação humana. Esses três momentos históricos ocorrem esporadicamente, por meio de transições longas e curtas, que denominamos de “três globalizações”.¹

¹ Kalantzis & Cope, 2006.

Primeiras línguas

Os seres humanos são criaturas globais, pois, a partir do momento em que emergimos como espécie, tornamo-nos os primeiros seres sencientes a preencher virtualmente todos os *habitats* da Terra. Isso aconteceu durante a primeira globalização, um processo iniciado pelos falantes do que convencionamos chamar de “primeiras línguas”. A partir da África Subsaariana, uma população inicialmente pequena se espalhou pelo planeta. Nós nos tornamos, então, diferentes povos falando línguas diversas porque, no relativo isolamento (acidental) entre uma tribo e outra, nossos modos de falar teriam derivado para direções variadas. No entanto, essa é apenas uma parte da história, uma vez que, como queremos sugerir, a diferenciação entre línguas na primeira globalização foi um processo mais integral e sistemático do que algo simplesmente causado por deriva e isolamento acidentais.

Em um trabalho seminal sobre o estudo da fala (o livro *A linguagem: Introdução ao estudo da fala*), Edward Sapir destaca que “falar é um aspecto tão trivial da vida cotidiana que raramente nos detemos a analisá-lo. Parece tão natural ao homem quanto andar, e pouco menos do que respirar. É por isso que a linguagem, por ser tão essencial na vida humana, parecendo ser inerente ao homem, muitas vezes tem seu significado e valor imperceptíveis”.² No entanto, o autor, por outro lado, chama a atenção para o fato de que a linguagem é um processo muito diferente de aprender a andar: “falar é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado”.³ Assim, um dos principais atributos da linguagem é a colaboração no processo comunicativo e interativo entre indivíduos em sociedade, que lhes é ensinado desde que nascem por meio de um conjunto de convenções socialmente compartilhadas que permitem a compreensão entre si.

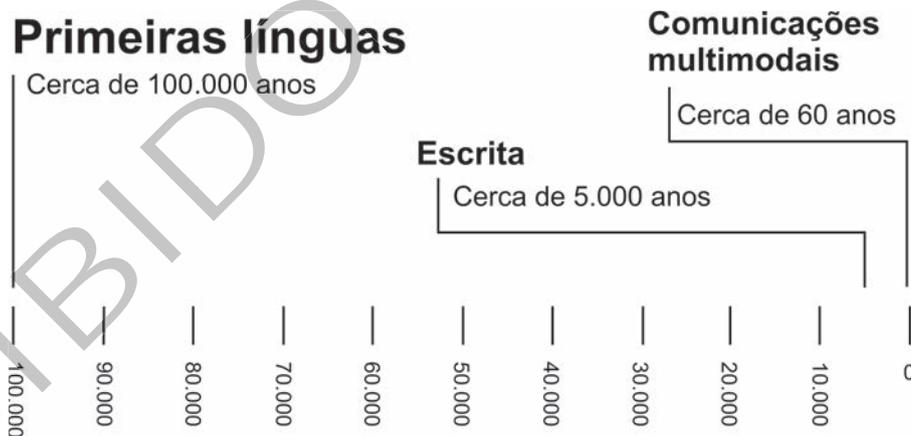


Figura 1.1: Linha do tempo de sistemas humanos de significado.

² Sapir, 1971, p. 17.

³ *Idem*, p. 18.

As línguas da primeira globalização: Como e por que elas são tão diferentes

Embora muito antigas, é possível ter um vislumbre do caráter das primeiras línguas, porque elas ainda são faladas por povos indígenas em todo o mundo. Por exemplo, entre os milhares de falantes da língua yolju matha, uma primeira língua do nordeste da Austrália, muitos falam um sem-número de formas de língua muito diferentes – língua infantil, língua adulta, língua das mulheres, língua sagrada dos anciãos, e os dialetos de diferentes clãs ou grupos de famílias. Essas “línguas” são todas intencionalmente diferentes, porque as diferenças dizem algo sobre cada indivíduo e seu mundo. Adicione-se a essa complexidade o fato de que a mesma palavra pode ser usada para significar um totem (animal sagrado), um lugar e uma pessoa viva, porque essas entidades

Epistemologia: Uma maneira de saber, ou uma filosofia ou teoria de como se pode vir a conhecer algo. | estão intimamente conectadas à cosmologia e à **epistemologia** de determinados povos. Pessoas podem nomear um lugar de formas diferentes entre si porque suas relações de propriedade e pertencimento com esse lugar são distintas.

Nossa espécie humana de fabricação de símbolos peculiarmente espalhou pelo mundo algo em torno de dez mil sistemas de símbolos, se se usar a linguagem como medida. Com efeito, a diversidade linguística é muito mais ampla e profunda do que isso, tendo em vista obviamente as peculiaridades dialetais de diferentes ordens. Contudo, não foram apenas práticas culturais como essas e a deriva

Primeira língua: Uma língua e/ou cultura indígena que originalmente representava e comunicava significados, sem fazer uso do sistema de escrita alfabético ou baseado em caracteres.

natural das línguas que tornaram as línguas diferentes. As **primeiras línguas** foram especialmente concebidas para diferirem entre si, muitas vezes, de maneiras que acharíamos difíceis de compreender hoje. O resultado foi um número extraordinário de línguas para o que foi, até os últimos milênios, pelo menos, uma espécie com uma população total relativamente pequena.

Declínio e morte das primeiras línguas

Existem atualmente cerca de sete mil línguas no mundo. Esse número está diminuindo rapidamente. Do que provavelmente foi uma miríade de línguas na Europa, “apenas 60 permanecem hoje, depois de quatro milênios de civilização letrada, sendo muitas delas derivativos relativamente modernos do latim ou de línguas germânicas e celtas”.⁴ Esse fato é uma das principais questões que examinaremos neste capítulo: nossa população como espécie cresceu enormemente nos últimos séculos, mas o número de línguas que falamos entrou em rápido declínio. O surgimento da cultura da escrita é uma das principais razões para esse declínio. Atualmente, 96% da população mundial fala apenas 20 idiomas, sendo todos eles línguas de escrita;⁵ apenas 283 línguas têm mais de um milhão de falantes e 899 têm mais de cem mil falantes.⁶

No Brasil, até a chegada dos portugueses, em 1500, havia um número próximo de mil línguas indígenas faladas em todo o território. Atualmente, segundo o Censo 2010 do IBGE (ver Figura 1.2), foram identificadas apenas 274 línguas indígenas faladas por indivíduos de 305 etnias distintas. Dos indígenas com cinco anos ou mais de idade, 37,4% falavam uma língua indígena e 76,9% falavam português.

4 Crystal, 1997, p. 286.

5 McWhorter, 2001.

6 Crystal, 1997.

Um exemplo interessante é a língua tupi, que era falada por povos tupi-guarani que habitavam a maior parte do litoral no começo da colonização do Brasil. Embora houvesse, na época, centenas de outras línguas faladas no território brasileiro, o tupi foi a língua que os colonizadores portugueses aprenderam e falaram por um longo tempo, chegando, inclusive, a ser formalmente ensinada pelos jesuítas José de Anchieta e Luís Figueira, por meio de gramáticas, publicadas em 1595 e 1621, respectivamente. O tupi chegou, inclusive, a ser a língua mais usada no território brasileiro até meados do século XVIII. Atualmente, porém, sua forma “original” não existe mais; uma variante moderna do tupi, o nheengatu (“fala boa”, em tupi), é ainda falada por cerca de 30 mil índios e caboclos na região da Amazônia.

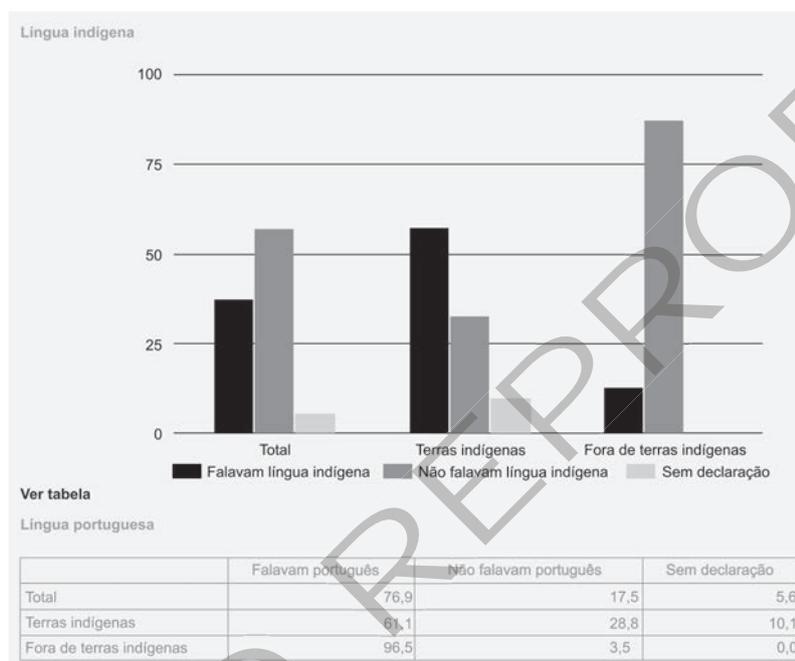


Figura 1.2: Distribuição percentual das pessoas indígenas de cinco anos ou mais de idade, por tipo de língua falada no domicílio, segundo a localização da habitação – Brasil, 2010.



Veja: “Nheengatu: O tupi moderno”. Canal USP.

Os lares ancestrais dos falantes de línguas de pequenos grupos, que estão desaparecendo rapidamente, localizam-se na Austrália, na Melanésia, nas Américas, na Sibéria, na Europa e no Ártico. As línguas que os deslocaram foram primeiro trazidas por sociedades agrícolas que usavam a escrita como um instrumento de controle da elite. Esse controle tomou a forma de hierarquia religiosa, regulação burocrática e conhecimento privilegiado. O deslocamento do que chamamos de “primeiras línguas” começou com as línguas indo-europeias e celtas, trazidas para a Europa por agricultores invasores do Oriente; o grego, o latim e seus derivados na Europa; as línguas dos reinos africanos, como foi o caso das línguas bantu; as línguas dos maias, dos astecas, dos olmecas e dos incas, na Mesoamérica; e as línguas chinesas e seus derivados na Ásia Oriental. A partir do século XVIII e ao longo do século XIX, com a consolidação dos Estados nacionais e da burguesia em sociedades industriais europeias, foram sendo implantados cada vez mais projetos políticos que buscavam a construção de idealização de línguas nacionais como instrumento de cidadania de massa, constituindo formas de identificação e pertencimento capazes de estabelecer a coesão de

formações sociais cultural e linguisticamente heterogêneas com um determinado território e sob a autoridade de um mesmo Estado.⁷

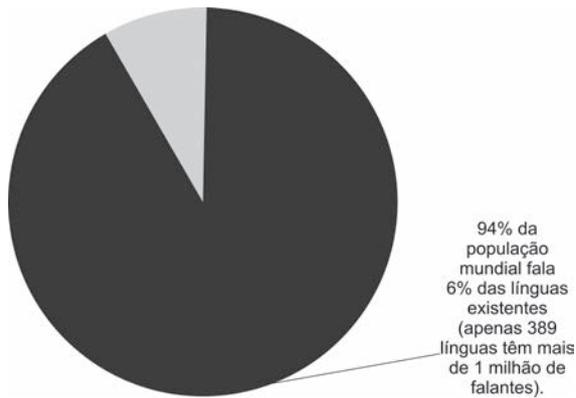


Figura 1.3: Percentual de línguas faladas pela população mundial.

Sabemos que as populações que falavam as primeiras línguas eram quantitativamente pequenas, já que uma estimativa aproximada do seu tamanho médio gira em torno de mil falantes por idioma. Assim, se a população mundial era de dez milhões de habitantes em 10000 a.C., pode ter havido algo em torno de dez mil línguas faladas naquela época. Se essas estimativas sustentam um exame mais minucioso, talvez, então, metade das primeiras línguas do mundo ainda exista. Mas o que torna as primeiras línguas tão diferentes daquelas pertencentes aos povos letrados?



Veja: “Sobre os Pirahã”.

Explorando as diferenças entre as primeiras línguas

Existem várias características das primeiras línguas: sua diversidade, sua tendência a divergir ou manter e desenvolver suas diferenças, seu dinamismo e sua **sinestesia** inerente. A gama de formas de linguagem entre as primeiras línguas é nada menos do que impressionante, o que reflete

Sinestesia: Alternância entre modos para expressar significado. | a enorme capacidade dos seres humanos de construir significados. As primeiras línguas diferiam-se umas das outras de maneira notável, não apenas por meio das diferenças existentes, mas também através do processo contínuo e ativo de novas dessemelhanças. Por que pequenos grupos vizinhos falariam línguas tão diversas entre si? Uma primeira resposta seria que esses grupos cresceram de formas progressivamente muito diferentes entre si, porque estariam isolados uns dos outros e porque não haveria muita necessidade de se comunicarem com seus vizinhos.



Veja: “O que Lévi-Strauss deve aos ameríndios”.

Todas as evidências, no entanto, apontam para um outro lado. Falantes de diferentes idiomas se comunicavam entre si de forma regular e frequente, e certamente em um grau maior do que o fariam vizinhos em um mesmo condomínio de uma grande cidade de hoje. Com efeito, os falantes das primeiras línguas lidavam com a diversidade linguística em um grau de sofisticação raramente encontrado atualmente, na medida em que indivíduos eram quase que invariavelmente políglotas, falando até cinco ou mais idiomas. Além disso, eles desenvolveram formas compartilhadas de comunicação, como a linguagem gestual.

Assim, pode-se dizer que haveria uma lógica nessa “divergência interna”. Nas sociedades das primeiras línguas, uma palavra, por exemplo, poderia se referir a um pássaro, a um lugar, a um

⁷ Certeau, 1984; Pinheiro, 2013.

totem religioso e a um nome de pessoa. Em um outro grupo de falantes, o mesmo pássaro/lugar/totem/nome de pessoa é nomeado de forma diferente, e isso é essencial, porque define a relação precisa de um indivíduo em particular com um lugar particular. Portanto, o significado ocorre em formas complexas de sobreposição que se conectam intimamente a uma compreensão socialmente compartilhada de lugares e de relações de pessoas com esses lugares e entre si.



Veja: “Lévi-Strauss: Saudades do Brasil”.

Existiria também uma tendência das primeiras línguas a se tornarem mais complexas devido a sua “divergência interna”: clãs ou grupos familiares falariam dialetos diferentes; mulheres desenvolveriam suas próprias línguas; e adultos aprenderiam cada vez mais segredos misteriosos e línguas sagradas à medida que envelheciam até se tornarem idosos. Diferenças no uso da linguagem seriam, assim, contínuas, evolutivas e difíceis de ser definidas em qualquer momento ou lugar. Portanto, aquele mundo de tantas línguas e dialetos tinha pouco a ver com um processo de “evolução à deriva”, tampouco com o isolamento, já que os povos não viviam em grupos completamente isolados. Os significados eram transmitidos por longas distâncias e com certa rapidez, apesar das diferenças entre sistemas de símbolos. Assim, os povos da primeira **globalização** lidavam com o fato de serem extremamente multilíngues e, por isso, desenvolveram formas especiais de comunicação.

Globalização: Processos sociais e históricos em que o mundo inteiro se torna um quadro para a ação humana.

Nesse sentido, é também interessante destacar o dinamismo das primeiras línguas, que eram caracteristicamente flexíveis e mutáveis. Pode ser que, em certas comunidades, quando da morte de um de seus membros, seu nome não pudesse mais ser falado, caso em que todo o mundo metafórico em camadas ao qual esse nome se referia devesse ser renomeado. Ou, ainda, casos em que significados tivessem que ser renegociados em certos rituais nos quais diferentes grupos contassem suas histórias, religião e leis uns para os outros.

Primeiras línguas e comunicações multimodais

As primeiras línguas tinham muitas maneiras sofisticadas, gráficas e multimodais de representar significados. No decorrer do século XX, linguistas e historiadores tentaram descrever as características da comunicação humana antes da escrita, porém o fizeram em termos da ausência de **escrita** nas suas formas modernas. E, embora alguns tenham deixado de empregar palavras com acepção negativa, como “iletrados” ou “pré-letrados”, passando a usar termos como “oralidade” ou “culturas orais”,⁸ esses termos, no entanto, ainda são vistos como “inferiores” em relação ao letramento da era moderna.

Escrita: O uso de símbolos alfabéticos (representando sons, como no português) e caracteres (representando conceitos, como no chinês) para registrar uma determinada língua.

Usamos neste livro o termo “civilização sinestésica” com o intuito de contemplar, de forma mais precisa, a plenitude e a complexidade das primeiras línguas, envolvendo uma sobreposição multimodal de palavra, imagem, gesto, som e espaço. Por “sinestesia”, um conceito que exploraremos em detalhes no capítulo 8, entendemos a capacidade de construir significados de vários modos – por meio de escrita, imagem, gesto, espaço e tato –, alternando-os.

8 Ong, 1982.

Primeiras línguas	Línguas escritas
<ul style="list-style-type: none"> • Populações pequenas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Populações muito maiores falando uma única língua, deslocando pequenas línguas.
<ul style="list-style-type: none"> • Muitas diferenças entre as línguas, mesmo entre aquelas mais próximas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortes relações familiares entre as línguas, tais como entre os grupos de línguas indo-europeias e os de língua chinesa.
<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças internas consideráveis: por idade, gênero ou clã, por exemplo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pressões para o monolingüismo, aprendizagem de línguas faladas por um número maior de falantes.
<ul style="list-style-type: none"> • Grande presença de multilingüismo e de línguas francas ou línguas de comunicação compartilhada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dependência de significados consistentes e estáveis para que estrangeiros, até mesmo os mais distantes, possam entender os falantes de uma determinada língua.
<ul style="list-style-type: none"> • Significados que estão mudando todo o tempo em função de línguas dinâmicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Significados escritos recebem maior prestígio do que outros modos de significado.
<ul style="list-style-type: none"> • Significados multimodais que usam língua escrita, imagem, gesto, tato e espacialidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência ao grafocentrismo (comunicação centrada na escrita).

Quadro 1.1: Das primeiras línguas à escrita.



Veja: “Línguas e dialetos falados pelos povos indígenas no Brasil”.

Começando a escrever: Uma segunda globalização

A segunda globalização é marcada pelo início da escrita. Algumas línguas eram registradas graficamente com símbolos alfabéticos (como o português) e outras com símbolos baseados em caracteres (como o chinês). A escrita emergiu em quatro lugares distintos do planeta: na Mesopotâmia, há cerca de cinco mil anos (Suméria Antiga), e, mais tarde, na Índia, na China e na América Central (ver Figura 1.5). Pode não ter havido qualquer conexão direta entre esses quatro lugares, embora a escrita, em cada um deles, tenha surgido em momentos de assentamentos urbanos apoiados pela agricultura. Nós, povos das sociedades modernas, chamamos essa era de “o começo da história” ou “o alvorecer da civilização”. O longo período anterior, isto é, antes do advento da escrita, foi classificado como “Pré-História”, e seus habitantes, como povos “não civilizados”. Ao assumirmos essa visão, nos esquecemos de que esse momento também foi o começo do fim de outro tipo de história.



Veja: “A construção da escrita – Parte 1”.
Documentário do MEC – SEB/Seed.



Figura 1.4: Ritual comunicativo multimodal. Festa de atuxá (um espírito), realizada pelos índios Mehinaku, de origem Aruak, que habitam a região do Alto Xingu, Brasil. Nesse ritual, são usadas máscaras que representam espíritos xamânicos da cultura indígena Mehinaku.



Figura 1.5: Locais de nascimento da primeira escrita.

Com a segunda globalização, começaram a surgir desigualdades nunca experimentadas na primeira globalização. A agricultura trouxe a possibilidade de acumular riqueza e usar excedentes para projetos não mais ligados apenas às necessidades básicas do cotidiano. As ruínas monumentais de civilizações mais antigas são um testemunho e um lembrete avassalador da escala dessa desigualdade. Nesse sentido, a escrita foi usada desde o início como um instrumento de controle elitista, como um meio para manter registros de propriedades, que poderiam ser tributadas ou alugadas, como um instrumento de governos burocráticos e como forma de redigir textos relacionados à lei ou à religião, que contribuíram para legitimar o *status quo* de uma ordem social desigual e escravocrata.



Veja: “A construção da escrita – Parte 2”. Documentário do MEC – SEB/Seed.



Figura 1.6: Escrita cuneiforme, Museu Pergamon, Berlin.

A propagação da segunda globalização se deu em virtude do deslocamento em massa das línguas da primeira globalização, que ocorreu com línguas indo-europeias, na Europa e na Índia Central, e com as línguas chinesas e suas derivadas, no leste da Ásia. As línguas dos agricultores “invasores” deslocaram muitas das línguas faladas na primeira globalização, o que alicerçou a supremacia da escrita. O imperialismo moderno apenas acelerou esse processo por meio do qual países poderosos conquistaram

grandes partes do mundo e espalharam suas línguas, com destaque para os impérios chinês, árabe, espanhol, português e, mais recentemente, inglês.



Veja: “O futuro dos ‘ingleses’”.

A chegada da escrita

Nas sociedades da segunda globalização, os sistemas de significação começaram a ser estabilizados, padronizados, homogeneizados e generalizados. Isso trouxe semelhança e uniformidade, que passaram a ser encontradas não apenas em grandes grupos linguísticos, “religiões” e “civilizações”, mas também entre esses grupos, que iam desde a proliferação de uma quantidade imensa de plantas e animais domesticáveis; passando pelas religiões que ainda compartilhavam uma ancestralidade comum, como a figura bíblica de Abraão, dos judeus, dos cristãos e dos muçulmanos; às invenções que foram rapidamente trocadas e copiadas, como o arado, a arquitetura monumental e a própria escrita. Assim, pode-se dizer que, apesar das diferenças entre as línguas dos povos da segunda globalização, estas, influenciadas, sobretudo, pela escrita, eram sutis e pequenas se comparadas com as do mundo de significação da primeira globalização.

Modernidade: Era que se inicia por volta de 1500, em que surgem novas tecnologias de manufatura (como a prensa móvel), novas formas de pensar (como a ciência e a razão secular) e novas relações sociais (como trabalho urbano e industrial).

O período da **Modernidade** chegou perto do final da segunda globalização, cujas principais características foram: a colonização europeia em praticamente todo o planeta, a industrialização e a produção de produtos manufaturados e a integração econômica global por meio da qual as mercadorias eram negociadas ao redor do mundo. Nas Américas, na Austrália e na África, a maioria dos povos se tornou falante de pelo menos uma língua europeia como língua comum ou língua franca, se não como primeira língua.



Veja: “Língua, modalidade oral e escrita”.

Como a escrita afeta a vida humana

O surgimento da escrita impactou os modos como os seres humanos viviam e pensavam, pois, durante a maior parte de sua existência, a escrita foi uma maneira de manter a propriedade e a riqueza, uma ferramenta da burocracia estatal para comunicar regras e um meio de exercer poder religioso. Nesse sentido funcional, por exemplo, os *quipus* (ver Figura 1.8), feitos da união de cordões, eram utilizados por governantes incas como uma forma de armazenar informação e como um sistema de escrita, não apenas para registro de histórias, cantos e contagem de rebanhos e pessoas, mas também para falar sobre poder autoritário, redistribuição de riqueza e conformismo religioso. Assim, a escrita se tornou útil não somente para expansão de uma “educação



Figura 1.7: Escrita chinesa antiga.

coletiva”, mas também para institucionalização e manutenção de desigualdades, pois seu surgimento foi, de certa forma, um sinal do fim dos modos de vida relativamente igualitários dos primeiros povos.

Pode-se dizer que uma nova fase, então, começou na história da escrita a partir da invenção da imprensa, por Gutenberg, em 1450, estendendo-se a até mais ou menos o final do século XIX. Com isso, a leitura e a escrita alfabéticas se tornaram uma forma de registrar e ordenar o mundo, sustentando uma lógica social fundamental em sociedades industrializadas, que é propagada pela educação de massa institucionalizada.

O professor e antropólogo Claude Lévi-Strauss, em seu livro *Tristes trópicos*, faz uma reflexão interessante a respeito da relação entre escrita e “evolução civilizatória”:

Coisa estranha a escrita! Parece que a sua aparição não podia ter deixado de determinar modificações profundas nas condições de existência da humanidade; e que essas transformações deviam ser, sobretudo, de natureza intelectual. A posse da escrita multiplica prodigiosamente a aptidão dos homens para preservar os conhecimentos. Concebê-la-famos de bom grado como uma memória artificial, cujo desenvolvimento devia acompanhar-se de melhor consciência do passado, logo, de uma maior capacidade para organizar o presente e o futuro [...]. Todavia, nada do que sabemos a respeito da escrita e de seu papel na evolução justifica tal concepção. Uma das fases mais criadoras da história da humanidade se situa no neolítico: responsável pela agricultura, a domesticação dos animais e outras artes. Para chegar a isso, foi preciso que, durante milênios, pequenas coletividades humanas observassem, experimentassem e transmitissem o fruto de suas reflexões. Esse imenso empreendimento desenrolou-se com um rigor e uma continuidade atestados pelo seu êxito, enquanto a escrita ainda era desconhecida. Se esta última apareceu entre o 4º e o 3º milênios antes de nossa era, deve-se ver nela um resultado já longínquo (e, sem dúvida, indireto) da revolução neolítica, mas de forma nenhuma a sua condição. A que grande inovação está ligada? No plano da técnica, quase que só se pode citar a arquitetura. Mas a dos egípcios ou dos sumerianos não era superior às obras de certos americanos que ignoravam a escrita no momento da descoberta. Inversamente, desde a invenção da escrita até o nascimento da ciência moderna, o mundo ocidental viveu cerca de 5.000 anos durante os quais seus conhecimentos flutuaram mais do que aumentaram. Observa-se frequentemente que entre o gênero de vida de um cidadão grego ou romano e o de um burguês europeu do século XVIII, não havia grande diferença. No neolítico, a humanidade deu passos gigantescos sem o auxílio da escrita; com ela, as civilizações históricas do Ocidente estagnaram por muito tempo. Sem dúvida, mal se poderia conceber o desenvolvimento científico dos séculos XIX e XX sem a escrita. Mas essa condição necessária não é certamente suficiente para explicá-lo. Se se quiser pôr em correlação o aparecimento da escrita com certos traços característicos da civilização, devemos procurar em outra direção. O único fenômeno que fielmente a acompanhou foi a formação das cidades e dos impérios, isto é, a integração num sistema político de um número considerável de indivíduos e sua hierarquização em castas e em classes. Tal é, em todo caso, a evolução típica a que assistimos, desde o Egito até a China, no momento em que a escrita faz a sua aparição: ela parece favorecer a exploração dos homens antes de iluminá-los. Essa exploração, que permitia reunir milhares de trabalhadores para os obrigar às tarefas extenuantes, reflete melhor o



Figura 1.8: Quipu inca.⁹

9 <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/pre-colombiana/arqprecoo7.html>>

nascimento da arquitetura do que a relação direta encarada há pouco. Se a minha hipótese for exata, é necessário admitir que a função primária da publicação escrita foi a de facilitar a servidão. O emprego da escrita para fins desinteressados com vista a extrair dela satisfações intelectuais estéticas é um resultado secundário, se é que não se reduz, na maior parte das vezes, a um meio para reforçar, justificar ou dissimular a outra.¹⁰

Nacionalismo: Processo no qual o poder dos Estados-nação cresce e governos supostamente fortes assumem o controle de áreas geográficas com fronteiras claramente definidas. Nacionalismo é também a ideologia que apoia esse processo, muitas vezes insistindo na padronização (como, por exemplo, ensinar um único idioma nacional) e nos fenômenos relacionados de assimilação, em que se deve abrir mão de língua(s) e cultura(s) próprias para se ajustar à língua e à cultura nacionais, e de homogeneização, em que se busca tornar todos os cidadãos mais ou menos “iguais”.



Veja: “Sociedade, Estado e governo. Aula 3 – Sociedade: Conceito e contexto”.

Em momentos menos benignos da história recente da humanidade, líderes fascistas ou comunistas já fizeram uso do nacionalismo para forçar suas visões de um cidadão universal e homogêneo. Nessa perspectiva, as pessoas aprendiam a simplesmente aceitar as verdades recebidas, o que pressupunha que a esposa ideal e a criança ideal deveriam se sujeitar à disciplina do marido e pai-chefe de família, e que o aluno ideal da educação de massa institucionalizada deveria absorver silenciosamente os fatos e conteúdos disciplinares. Essa era (e ainda é!) a predisposição para a uniformidade da “sociedade de comando”, com seu trabalho por comando, política por comando e cultura por comando. Discutiremos em detalhes a pressão social pela homogeneidade no capítulo 2.

As línguas constituídas pela escrita (alfabética) tendem, assim, a fixar palavras em símbolos escritos de tal maneira que os “desvios linguísticos” são vistos como surpresas, servindo apenas para confundir os melhores planos dos dicionários, das gramáticas e dos currículos, que pressupõem a aprendizagem normatizada de uma língua oficial: “Livre-se desse erro terrível!”, diria, por exemplo, um professor rigoroso, quando um aluno escrevesse em seu texto ou mesmo pronunciasse em sala de aula uma palavra ou frase que não estivesse de acordo com a norma-padrão.

Letramento e pressões sociais por uniformidade

Línguas constituídas pela escrita alfabética tendem a padronizar e homogeneizar significados. Nesse sentido, espera-se ou exige-se que seus usuários façam uso do texto escrito da mesma maneira; daí a necessidade de se ensinarem nas escolas convenções ortográficas, definições vocabulares, por meio de dicionários com um número cada vez maior de palavras e de regras gramaticais. Por essa razão, um dos principais objetivos da escola é fazer com que todos os cidadãos falem, leiam e escrevam uma língua comum, o que, em última instância, se torna o projeto ideológico prático do **nacionalismo moderno** do Estado-nação homogêneo. Na concepção do Estado-nação moderno, assimilam-se os estrangeiros – povos indígenas ou imigrantes que, minimamente, precisam ser capazes de falar a língua comum para assumir papéis dentro da máquina social. Em resposta às suas necessidades, o Estado forneceria, então, educação e outros serviços, tudo em uma mesma língua (nacional).

¹⁰ Lévi-Strauss, 1981, pp. 317-318.

A escrita torna-se um modo de significação privilegiado

As culturas letradas também tendem a separar os modos de significação. O letramento moderno separa a palavra escrita da imagem, do gesto e do som. Isso resulta em parte da própria maneira com que produzimos cada modo de comunicação: a separação entre imagem e fonte na composição e na impressão tipográficas, assim como a separação entre o oral e outros modos relacionados ao áudio presentes em tecnologias posteriores, como o telefone e o rádio.

Os efeitos culturais da escrita

O domínio da leitura e da escrita tornou-se uma chave para entrar nos novos mundos que foram criados nos últimos séculos, mundos de grande progresso material e riqueza cultural. Todavia, a leitura e a escrita também produziram novas restrições, pois, ao fixarem significados por meio de formas rígidas de escrita, as culturas letradas se tornaram menos capazes de lidar com a mudança do que os povos que falavam as primeiras línguas. Assim, usamos a leitura e a escrita para manter hierarquias fixas de poder, e, por isso, nossa aflição ao lidar com mudanças parece ser mais notável do que nossa capacidade para lidar com elas em nossas realidades sociais.



Veja: “Reforma da Lei do Direito Autoral – O que você acha?”.
“Em alta: Flexibilização na lei dos direitos autorais”.

Assim, é preciso reconhecer que os modos de ser e de pensar que se iniciaram com a cultura dos escribas (manuscritos) e que, posteriormente, passaram a fazer parte das culturas impressas tendem a padronizar e homogeneizar significados, assim como tendem a abstrair ou separar modos de significação. Nesse sentido, a escrita constitui um contexto sociocultural que, em geral, oferece menos espaço para a negociação de significados, diminuindo, portanto, nossa capacidade de agência e de lidar com a mudança.



Veja: “As origens das arquiteturas textuais modernas”.

Novas mídias, novos letramentos: A terceira globalização

No final do século XX e início do século XXI, temos vivenciado transformações na maneira como nos comunicamos, fruto de mudanças nas tecnologias de comunicação, na relação entre a escrita e outros modos de construção de significados, nas maneiras pelas quais as diferenças linguísticas são negociadas e na acessibilidade crescente a novos meios de comunicação. Essas mudanças são tão importantes que talvez mereçam ser rotuladas como “terceira globalização”.

O surgimento de novas tecnologias da comunicação

No século XX, passamos por uma série de transformações nos modos como os significados são produzidos e reproduzidos. Da fotografia, passamos à impressão litográfica, ao cinema, à televisão

analogica, que aproximaram mais imagens e textos escritos. Contudo, o ritmo de mudança se acelerou com a aplicação generalizada das tecnologias digitais para a construção e a comunicação de significados no final do século XX e início do século XXI. Depois de cinco milênios, em que a palavra escrita foi se constituindo em fonte de poder em muitas sociedades, então, em meio milênio, esse poder foi multiplicado pela imprensa. Todavia, em um pouco mais de um século, os meios fotográficos de representação começaram a restaurar a força da imagem. E, em menos de 50 anos, a tecnologia digital acelerou esse processo, conforme a unidade modular elementar de produção de significado textual passou de caracteres a *pixels*.



Veja: “O que é multimodalidade?” Entrevista com Gunther Kress.

A tecnologia de impressão tipográfica, inventada em meados do século XV, usava letras como suas menores unidades de fabricação, posicionando-as uma a uma em formas de prensas. Essa tecnologia também não permitia que as letras e os números fossem colocados junto com as imagens na mesma página. Em revistas, jornais e livros em formato impresso mais recentes, essa junção de escrita e imagem se tornou mais fácil, embora a um custo elevado, posto que são de naturezas distintas. Todavia, a produção de letras e imagens digitais, por outro lado, se dá por meio de pontos muitos pequenos, que agora são as menores unidades de produção da escrita: os *pixels*. Portanto, como imagens e fontes digitais são feitas da mesma matéria-prima, são também mais facilmente combinadas.



Veja: “Cultura da convergência”.

A escrita perde seu lugar de privilégio

Temos notado sobreposições cada vez mais frequentes das modalidades oral e escrita nas mais diversas interações em redes sociais, que se assemelham mais à fala do que a formas escritas formais, como cartas e memorandos. Isso representa um retorno à **multimodalidade**, em que a escrita tem perdido seu lugar especial como o modo mais eficaz de veicular significados através do tempo e do espaço, cedendo, com isso, cada vez mais lugar a outras tecnologias para registro e transmissão de significados via modalidades orais, visuais e gestuais. Como consequência, encontramos constantemente engajados e, por isso, cada vez mais acostumados com a alternância de modos de significação.

Multimodalidade: Uso combinado de diferentes modalidades de construção de significados: escrita, visual, audiovisual, espacial, tátil e oral.

As diferenças linguísticas tornam-se importantes novamente

Após uma era de padronização, homogeneização e assimilação, até mesmo a língua imperial global do mundo moderno, o inglês, apresenta divergências internas. As línguas sociais de subculturas, culturas *underground*, culturas juvenis, comunidades diaspóricas de falantes de segunda língua e comunidades que falam dialetos locais e regionais estão se tornando cada vez mais diferentes entre si. Todas essas formas de falar inglês são transmitidas por um número aparentemente interminável de canais de televisão, rádio, comunidades da *web* e por meio das próprias interações pessoais,

retratando novas lógicas de identidades e de pertencimento e desafiando cada vez mais os esforços nitidamente homogeneizadores do Estado-nação. Estamos, com isso, retornando a uma lógica profunda de divergência e diversidade linguística, social e cultural.

Esses modos de significação paradoxalmente criam, outrossim, as condições para um retorno ao multilinguismo radical. Por exemplo, temos atualmente *call centers* que funcionam em dezenas – e por que não em centenas ou milhares? – de idiomas. Nesse sentido, à medida que a tradução automática se aperfeiçoa, reduz o limite de uma determinada língua de veicular um significado particular. Ironicamente, essas técnicas textuais modernas tornam a manutenção e o renascimento das primeiras línguas periféricas uma tarefa mais fácil e mais realizável.



Veja: “Repórter Senado. Língua viva”.

Acessibilidade às novas mídias

Vale ainda destacar que, em geral, as novas mídias são mais acessíveis, mais baratas e mais fáceis de ser manipuladas por pessoas comuns do que os textos impressos. Se se consegue acessar a internet por meio de um computador ou celular, pode-se, por exemplo, criar um vídeo e publicá-lo em uma mídia social. Por isso, o processo de criação e distribuição de conteúdos digitais está se tornando menos caro e mais acessível. Além disso, a distribuição de conteúdos via *Creative Commons*, que são tipos de licenças menos restritivas para a divulgação de obras criativas, tem permitido, de fato, uma “produção social”, pois possibilita criar, copiar e compartilhar muito mais coisas do que se produz no mundo digital, sem a necessidade de prestar contas a editores ou corporações midiáticas. Atualmente, é possível até mesmo construir seu próprio conteúdo *on-line* por meio de plataformas, usando *software* de código aberto disponível gratuitamente.



Veja: “Lawrence Lessig: Reexaminando o *remix*”.

Aqui estamos nós, cinco mil anos após a invenção da escrita. A narrativa histórica que contamos é uma história de retorno parcial à sinestesia, à divergência, ao multilinguismo e à diversidade profunda. Contudo, é preciso dizer que não se trata, de fato, de um “retorno”. Mais uma vez na história humana, trata-se de algo muito novo, cujas consequências são difíceis de prever. Podemos ter certeza de apenas uma coisa: o futuro não será como nenhum dos nossos passados, pois queremos sugerir que, assim como imaginamos o nosso futuro humano, podemos às vezes ter muito a aprender com as formas de construção de significado incorporadas às primeiras línguas e suas culturas de representação e comunicação.

Linear B	Cipriota
da 𐀀	ta 𐀀
na 𐀁	na 𐀁
pa 𐀂	pa 𐀂
ro 𐀃	lo 𐀃
se 𐀄	se 𐀄
ti 𐀅	ti 𐀅
to 𐀆	to 𐀆

Figura 1.9: A escrita Linear B e *scripts* em cipriota antigo representado em Unicode.



Veja: “Uma outra história, a escrita indígena no Brasil”.

Sumário

Primeiras línguas: Primeira globalização	Começando a escrever: Segunda globalização	Novas mídias e novos letramentos: Terceira globalização
<ul style="list-style-type: none">Diferenças linguísticas extraordinárias: Várias maneiras de construção de significados.	<ul style="list-style-type: none">Língua simplificada em muitos aspectos; restrição das funções sociais da escrita para servir a interesse das elites.	<ul style="list-style-type: none">Significados diferindo cada vez mais com o aumento de “diversidade” na nova “Cosmópolis” global.
<ul style="list-style-type: none">Divergência: Diferenças linguísticas por <i>design</i>.	<ul style="list-style-type: none">Significados padronizados e homogeneizados.	<ul style="list-style-type: none">Divergências entre línguas sociais; multilinguismo globalizado.
<ul style="list-style-type: none">Dinamismo ou constante mudança linguística.	<ul style="list-style-type: none">Conformidade exigida para gerar versões oficiais estabilizadas e normatizadas das línguas.	<ul style="list-style-type: none">Mídias mais acessíveis, apoiando a divergência em línguas sociais e culturais.
<ul style="list-style-type: none">Civilização sinestésica usando múltiplos modos de significação.	<ul style="list-style-type: none">Separação de modalidades de significação, privilegiando a palavra escrita.	<ul style="list-style-type: none">Retorno à multimodalidade com a fotografia e, então, com as tecnologias digitais.

Processos de conhecimento

1) **Experienciar o novo**

Pesquise sobre uma língua indígena que esteja sob ameaça de extinção. Quais são as fontes dessa ameaça? O que poderia ser perdido se a língua caísse em desuso?

2) **Conceitualizar por nomeação**

Veja o relato de um linguista de uma primeira língua em um artigo ou livro. Como a língua é descrita pelo linguista? Quais conceitos usa para destacar características distintivas da língua? Faça uma lista dos principais conceitos e os defina.

3) **Experienciar o novo**

Escolha um sistema de escrita antigo e descreva seus estágios iniciais de evolução. Quais foram os usos iniciais da escrita?

4) **Analisar criticamente**

Discuta a proposição de Sócrates sobre a ideia de que o esquecimento vem com a escrita.

5) **Conceitualizar com teoria**

Defina “padronização”, “homogeneização”, “nacionalismo” e “assimilação”. Combine essas palavras na elaboração de uma teoria a respeito da forma como as sociedades modernas anteriores exerceram seu poder para conformar povos ao seu julgo.

6) **Experienciar o conhecido**

Crie uma linha do tempo das mudanças que ocorreram nos ambientes comunicacionais durante a sua vida ou entreviste seus pais e avós para criar tal linha. Quais são as consequências dessas mudanças?